



# COLOQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

## MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E INTERPRETAÇÕES DA “REVOLUÇÃO” TEORÉTICO-QUANTITATIVA EM RIO CLARO.

Lucia Helena de Oliveira GERARDI  
Pós-graduação em Geografia  
UNESP – IGCE – Rio Claro  
lucia@rc.unesp.br

### Introdução

Permitam-me, os leitores, falar na primeira pessoa. Não há, aqui, qualquer prepotência ou autoridade. Apenas a intenção do relato de uma história vivida e, por isso mesmo, uma visão pessoal e talvez viesada pela emoção das lembranças ou pelas perdas decorrentes do passar do tempo.

Adianto que não pretendo que este seja um texto científico, no sentido de documentar ou quantificar os fatos narrados, porém, muito do que será dito poderá ser corroborado em bibliografias outras e em depoimentos terceiros.

Informo, também, que não pretendo fazer uma revisão crítica dos escritos nacionais ou internacionais da época, coisa que Dante Reis Jr.<sup>1</sup> faz com maestria.

### Os Fatos e as Interpretações

Estamos no final da década de 1960. O curso de graduação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, instalado em 1958, já tem reconhecimento nacional, assentado no prestígio do corpo docente, trazido por Dr. João Dias da Silveira para início do curso, formado por professores da estatura de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Juergen Richard Langenbuch, Antonio Olívio Ceron, Lívia de Oliveira, Elza Coelho de Souza Keller, para citar apenas alguns. Estes, por sua vez, já haviam formado

---

<sup>1</sup> REIS JR. Dante F. da C. Para relembrar, cinquenta anos depois, a empresa Teorética em Geografia: registros inaugurais nos AAAG e episódios ilustrativo. *Geografia*, v. 32, n.1, jan/abr. 2007, p.241-251.

\_\_\_\_\_. Cinquenta chaves. O físico pelo viés sistêmico, o humano nas mesmas vestes ... e uma ilustração doméstica: o molde (neo)positivista examinado em textos de Antonio Christofolletti. 2007. 486f. Tese (Doutorado em Geografia), UNICAMP, Campinas, 2007.



uma nova geração de geógrafos que, no momento relatado, os substituíam ou já eram seus colegas como Helmut Troppmair, Miguel César Sanchez, José Alexandre Felizola Diniz, Margarida Maria Penteado (Orellana), Silvia Selingardi (Sampaio).

Se os nomes são familiares, o leitor certamente conhece a história da Geografia Brasileira, da qual estes pesquisadores fizeram e fazem parte com suas contribuições originais e inseminadoras, marca do espírito irrequieto e inovador infundido por João Dias da Silveira.

Mais uma vez, é impossível falar da Geografia teórico-quantitativa sem lembrar do “velho professor”, uma vez que as mudanças paradigmáticas deste movimento, a meu ver, estiveram assentadas na disponibilidade de bibliografias internacionais que traziam as novidades a este país tropical, de tradição francesa até então.

Explicando melhor, como fundador do curso de Geografia de Rio Claro, o professor Silveira esmerou-se na constituição de uma biblioteca de livros e periódicos diversificada e do mais alto nível, viajando a Europa e os Estados Unidos na busca por coleções fundamentais (Journal of Geography, Economic Geography, Bibliographie Géographique Internationale, Annales de Géographie, Annals of The Association of American Geographers, Transactions of the Institute of British Geographers e outros) cujas assinaturas foram mantidas, permitindo a atualização constante do conhecimento.

Graças à presença destes periódicos na biblioteca de Rio Claro pode-se perceber que a Geografia estava mudando em outras partes do mundo a ponto de se tornar difícil a simples leitura dos textos que vinham a lume.

Aquele espírito irrequieto, já mencionado, agita os professores e alguns alunos envolvidos em pesquisa, que começam a perseguir a expansão da fronteira do conhecimento geográfico reunidos em grupos de leitura e discussão de textos, em cursos básicos de filosofia, epistemologia, estatística, programação de computadores, tentando entender o que mudava e como isto se refletiria na Geografia Brasileira.

O primeiro ponto a destacar foi um certo rompimento com a tradicional Geografia de matriz francesa, afeita a descrições pormenorizadas de lugares (e, por isso, únicos), na qual pesavam mais as interpretações subjetivas dos fatos que sua avaliação objetiva.

Porquê “um certo” rompimento? Por que, apesar do pretense rótulo *nomotético* (relativo a normas – generalizações, leis), a nova Geografia continuava descritiva, só que agora com muito mais números e relativa a espaços maiores (teria o lugar tomado dimensões mais amplas?), ainda continha um alto grau de subjetividade (tentativas de medi-lo resultaram em escritos como *Choice in classification: the subjectivity of objective methods* de

R.J.Johnston<sup>2</sup>) e, como ciência humana, continuava pouco (ou não) preditiva e, portanto, as tais normas estavam pouco presentes.

Naquele momento, no ardor das mudanças, parecia (e se dizia) que o rompimento era total, porém o que estava acontecendo, além de inovações metodológicas de cunho matemático-estatístico, era uma re-visitação de muitos escritos, para os quais não se dera a devida atenção no momento de sua aparição, que traziam o semem da parte “teorética” da tal “revolução”<sup>3</sup>.

Outro ponto que merece comentário é aquele que se relaciona aos lugares em que se deu o início e maior desenvolvimento da renovação teórico metodológica na Geografia no Brasil.

Como é sabido, A F.F.C.L. de Rio Claro e o IBGE do Rio de Janeiro foram os pontos focais ou os locais de irradiação das idéias teórico-quantitativas para o restante do país. Por quê?

Numa interpretação muito pessoal, mas não desprovida de lógica, o acesso a informação bibliográfica atualizada pode ser considerado como fator primordial desta explicação. Como mencionado, a biblioteca de Rio Claro era exemplar neste quesito e a do IBGE centralizava boa parte da informação geográfica circulante. Porém só as bibliotecas não respondem ao “por quê”, uma vez que, por exemplo, a USP e a UFRJ também tinham excelentes acervos.

Mais uma vez cometo a temeridade de uma interpretação: no Rio, o IBGE estava investindo na qualificação de seus quadros no exterior, colocando-os em contacto direto com as novidades<sup>4</sup>, buscando melhor atender à demanda de pesquisa do país, que se desenvolvia a altas taxas e necessitava de informações tratadas e interpretadas de modo a subsidiar os planos e metas do governo.

Em Rio Claro, predominava um contingente de jovens e ainda pouco conhecidos pesquisadores cujos mestres já não estavam presentes, o que provavelmente lhes dava maior liberdade de transgredir os antigos cânones. Por outro lado, na USP, distinguiam-se os

---

2 *Annals of The Association of American Geographers*, Washington, v. 58, n. 3, p. 575-585, 1958).

3 Para citar alguns: CHRISTALLER, Walter: *Die zentralen Orte in Süddeutschland*. Gustav Fischer, Jena, 1933. (Traduzido por Charlisle W. Baskin, como *Central Places in Southern Germany*. Englewood Cliffs, N.J., 1966); LOESCH, August: *Die Räumliche Ordnung der Wirtschaft*, Jena, 1940. (Traduzido por William Woglom e William F. Stolper como *The Economics of Location*, New Heaven, 1954; WEBER, Alfred: *Über den Standort der Industrie*, JCB Mohr. Tübingen, 1909 (Traduzido por Carl J. Friedrich como *Theory of the Location of Industries*. Chicago: The University of Chicago Press, 1929).

4 Por exemplo, Roberto Lobato Azevedo CORREA - *Variations in Central Place Systems: An Analysis of the Effects of Population Density and Income Level*. Dissertação (Mestrado), University of Chicago, 1974.

“velhos mestres”, com nomes já inscritos na história da ciência geográfica brasileira, que ainda guardavam alguns resquícios do sistema de cátedra, situação que se constituía em barreira à inovação e à transgressão (o que provavelmente também seria o caso da UFRJ).

Desta discrepância de caminhos teórico-metodológicos surgiram muitos embates, tanto entre os professores de Rio Claro, quanto entre estes e os de outras instituições. É bom que se esclareça que, mesmo em Rio Claro, não havia uniformidade de pensamento e que parte dos professores não compartilhava das discussões ou dos encaminhamentos adotados pelos chamados “quantitativistas”.

Das reuniões de estudo para desvendar os mistérios da nova Geografia que surgia nasceram a Associação de Geografia Teórica e o Boletim de Geografia Teórica (BGT)<sup>5</sup>. Para dar uma idéia dos temas discutidos nestas reuniões, com periodicidade semanal, cito aqueles tratados no primeiro semestre de existência da Ageteo: O Espaço Geográfico, A aplicação da Teoria dos Sistemas na Geografia, Técnicas de grupamento de variáveis, Cadeia de Markov, Lógica, Teoria do Conhecimento, Modelos e Leis na Geografia, Modelos aplicados à Geomorfologia, Aplicações de modelos na Geografia Agrária, Estruturalismo, Análise Fatorial, Relações entre Espaço e Tempo na Geografia, Análise de seqüências de tempo.<sup>6</sup> Deste conjunto pode-se perceber que a parte quantitativa é minoritária nas preocupações do grupo, muito embora, simultaneamente, tenham sido oferecidos cursos de Elementos de Matemática e de Geografia Quantitativa.

Tendo em vista que o BGT pode ser considerado veículo representativo da produção geográfica deste período, uma visita aos seus arquivos pode ser útil para avaliar até que ponto o rótulo de quantitativista pode ser aplicado a Rio Claro.

Levantamento feito nos números do BGT da década de 1970 (1971 a 1979, números 1 a 18, exceto o número 13, composto por traduções de clássicos da Teoria Geográfica) mostra que, dos artigos publicados, 23 podem ser classificados como de conteúdo Teórico-metodológico (títulos como Geografia Teórica, Classificações espaciais e regionalização, O conceito Geográfico de Espaço, Considerações teóricas sobre percepção e atitudes, Noção de Espaço em Geografia, Perspectivas ideográfica e nomotética em Geografia). Dezoito dos

---

5 A título de resgate histórico, constam da ata de fundação da AGETEO, em 4 de março de 1971, os seguintes nomes: Antonio Christofolletti, Antonio Olívio Ceron, José Alexandre Felizola Diniz, Lívia de Oliveira, Miguel Cezar Sanchez, Pérola Emília Liberato, Élide Aparecida Chizzoti, Lucia Helena de Oliveira Gerardi, José Carlos Godoy de Camargo e Sérgio dos Anjos Ferreira Pinto. Os quatro últimos eram alunos recém formados e bolsistas. Na mesma data foi instituído o Boletim de Geografia Teórica tendo como Comissão Editorial José Alexandre Felizola Diniz, Lívia de Oliveira, Lucia H.O.Gerardi e Antonio Christofolletti.

6 Ata da Assembléia Geral da Ageteo – 12/08/1971. *Livro de Atas*, fls. 3-4.

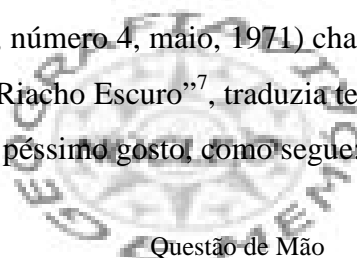
artigos desta década classificam-se como aplicação ou demonstração de técnicas quantitativas e doze dizem respeito a outros temas ou a trabalhos de cunho factual.

Tendo surgido em paralelo ao BGT, a revista Geografia começa a ser publicada em 1976 pela Ageteo. No período de 1976 a 1979 os artigos nela publicados se enquadram nas três categorias assinaladas como segue: 14 teórico-metodológicos, 11 técnicos/quantitativos e 13 outros/factuais.

Deste balanço pode-se constatar que a maior parte do conteúdo do BGT e da Geografia não pode ser considerada como de natureza “quantitativa”, daí o equívoco de rotular estes periódicos e o “grupo de Rio Claro” de quantitativistas, esquecendo a contribuição teórica dada e o fato de que tal “grupo” não incluía todos os professores de Rio Claro e as revistas publicavam textos oriundos das mais diversas instituições.

Mesmo assim, o “não li e não gostei” muitas vezes foi o critério de julgamento e o rótulo quantitativista, uma divisa política usada pejorativamente como forma de negar o impacto que as mudanças estavam trazendo na Geografia brasileira.

O julgamento preconceituoso chegava às raias do grosseiro quando um jornal dos estudantes da USP (*Órgão* ano 2, número 4, maio, 1971) chamava o movimento de renovação da Geografia de “movimento do Riacho Escuro”<sup>7</sup>, traduzia teórico por “sem teor nem ética” e publicava “poesia teórica” de péssimo gosto, como segue:



Questão de Mão

O meu  
É HERMÉTICO,  
Quanto aos outros  
SOU CÉTICO;  
Se dar  
NÃO É ÉTICO  
E comer  
É ANTISTÉTICO,  
Fazer de tudo  
É ECLÉTICO;  
Vontade de dar  
É HIPOTÉTICO,  
Não saber como  
É TEORÉTICO.<sup>8</sup>

O tempo, como “senhor da razão”, recoloca as coisas em seus devidos lugares e, pouco depois, em julho de 1973, a AGB – Seção Regional de São Paulo solicita a Rio Claro

---

7 numa indisfarçada menção a Rio Claro - e olhe que o movimento não era exclusivo de Rio Claro, mas o preconceito dos alunos uspianos era... Também é lamentável que aqueles que criticavam nominalmente alguns autores não se expusessem à réplica, assinando as matérias publicadas.

8 Sem autor, *Órgão*, ano 2, n. 4, maio, 1971, p. 11 (foi mantida a formatação original )



um curso de Técnicas Quantitativas em Geografia, que foi ministrado a professores e alunos da USP.

Embora não tenham se convertido em “quantitativistas” (e não era esse o objetivo do curso), pelo menos puderam entender o sentido de incorporação de uma técnica nova (como fora a aerofotogrametria, por exemplo) ao trabalho do geógrafo, sem descaracterizar seu fazer humanístico.

Deve-se, a bem da verdade, reconhecer que algum exagero houve e que alguns trabalhos poderiam constar como exercícios de estatística, mais que Geografia propriamente dita, porém, se buscarmos o auxílio luxuoso da teoria da difusão espacial de inovações (GOULD, P., 1969<sup>9</sup>) veremos que a difusão das idéias teórico-quantitativas na Geografia brasileira seguiu o padrão, no qual, em princípio, são poucos os iniciados (adotadores) que, pela condição de minoria, têm uma linguagem própria e até certo ponto hermética e que, de forma às vezes chocante, procuram chamar a atenção dos não iniciados para a inovação que propõem.

Este processo tem continuidade até que se estabeleça uma maioria que detém a informação, ao mesmo tempo em que uma nova onda de inovação já está surgindo no horizonte, com as mesmas características (a que se seguiu à teórico-quantitativa foi a “radical” ou materialista-histórica, da mesma forma e com os mesmos movimentos de contestação).

Na década de 1970 dá-se a consolidação do processo, com o surgimento de ampla bibliografia (livros, artigos, teses, trabalhos em Anais), tanto de caráter eminentemente teórico, quanto de apresentação e/ou discussão de técnicas, que se estende espacialmente a partir dos centros polarizadores iniciais como legado conduzido por ex-alunos ou como informação levada aos mais longínquos lugares sob a forma de cursos, palestras, congressos etc.

Na década de 1980 o “movimento teórico-quantitativo” está findo como inovação. As técnicas, entendidas como instrumentos, perderam o caráter ideológico que se pretendeu lhes atribuir, disseminando-se *pari passu* à disseminação dos microcomputadores pessoais. Muitos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia introduziram as disciplinas Quantificação em Geografia ou Estatística em seus currículos e não se vê mais com estranheza o uso de técnicas estatísticas coadjuvando análises com vieses teóricos variados.

---

9 GOULD, Peter, *Spatial Diffusion*, Washington(DC): Association of American Geographers, 1969. (Commission on College Geography – Discussion Paper nº 4), 72p.

Ao mesmo tempo, a discussão teórica muda de tema, passando a vigorar o materialismo histórico ou a Geografia Radical como foco central e muitos dos “teórico-quantitativos” se engajam na nova onda (talvez o exemplo mais expressivo seja David Harvey que, entre 1969 e 1973, muda do *Explanation in Geography* para o *Social Justice and the City*.)<sup>10</sup>.

Nos dias de hoje, o movimento radical também já não é mais inovação, dando lugar à chamada Geografia Humanística e seus desdobramentos no pódio das mudanças teórico-metodológicas da Geografia Brasileira.

## O Que Ficou

De tudo o que aconteceu nas duas décadas em que fervilhou a discussão teórico-quantitativa, podem ser extraídas algumas lições.

A primeira, é que a **crise** é matéria prima essencial para a **mudança**. A Geografia pouco mudou de suas origens até a década de 1950. De lá para cá, inaugurada com a “revolução” teórico-quantitativa, quantas já foram discussões, as ondas renovadoras, as mudanças de postura teórico-metodológica a arejarem a ciência geográfica.

A segunda, é que, por mais criticada (justa ou injustamente) que tenha sido a Nova Geografia, não há como desconhecer o enorme cabedal de publicações legado por ela, retomando propostas teóricas clássicas, recuperando autores esquecidos ou pouco valorizados, abrindo perspectivas metodológicas dantes impensáveis, apresentando a Geografia às outras ciências e áreas de conhecimento.

A terceira diz respeito à instrumentalização do geógrafo pelo aprendizado de técnicas, que abre novas possibilidades de atuação profissional, permitindo sua participação no mundo “técnico, científico e informacional”.

Fica, também, a idéia de que, em ciência, qualquer ideologia é preferível a nenhuma e que a mudança teórico-ideológica não é sinal de fraqueza, mas de vigor reflexivo da ciência e dos seus praticantes.

---

<sup>10</sup> HARVEY, David, *Explanation in Geography*, London: Arnold, 1969.  
\_\_\_\_\_, *Social Justice and the City*, London: Arnold, 1973.



## Referências Bibliográficas

HARVEY, David, *Explanation in Geography*, London: Arnold, 1969.

\_\_\_\_\_, *Social Justice and the City*, London: Arnold, 1973.

GOULD, Peter, *Spatial Diffusion*, Washington(DC): Association of American Geographers, 1969. (Commission on College Geography – Discussion Paper nº 4), 72p.

\_\_\_\_\_, *Órgão*, ano 2, n. 4, maio, 1971.

Ata da Assembléia Geral da Ageteo – 12/08/1971. *Livro de Atas*, fls. 3-4.

Annals of The Association of American Geographers, Washington, v. 58, n. 3, p. 575-585, 1958.

Friedrich como *Theory of the Location of Industries*. Chicago: The University of Chicago Press, 1929.

REIS JR. Dante F. da C. Para lembrar, cinquenta anos depois, a empresa Teorética em Geografia: registros inaugurais nos AAAG e episódios ilustrativo. *Geografia*, v. 32, n.1, jan/abr. 2007, p.241-251.

\_\_\_\_\_. Cinquenta chaves. O físico pelo viés sistêmico, o humano nas mesmas vestes ... e uma ilustração doméstica: o molde (neo)positivista examinado em textos de Antonio Christofolletti. 2007. 486f. Tese (Doutorado em Geografia), UNICAMP, Campinas, 2007.

